

Caros Espectadores,

Devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do festival sofrerá algumas alterações. Pedimos a compreensão de todos para a necessidade de cumprimento de todas as normas.

- 1 – Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Devirão pois esperar no exterior a abertura de portas.
- 2 – Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
- 3 – Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
- 4 – Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
- 5 – Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
- 6 – O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
- 7 – A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



37.º FESTIVAL de almada

03-26 de JULHO 2020



Imagem: Pedro Pregoça

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
(Almada, Portugal)

Mártir

De **Marius von Mayenburg**
Encenação de **Rodrigo Francisco**



Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Experimental (Almada)

De Sex. 3 a Dom. 26
(em horário diferenciado – consultar Programa)

Duração: 1h40m
Classificação etária: M/12

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TRADUÇÃO

Manuela Nunes

CENOGRAFIA

José Manuel Castanheira

FIGURINOS

Ana Paula Rocha

DESENHO DE LUZ

Guilherme Frazão

INTERPRETAÇÃO

Ana Cris
André Albuquerque
Inês de Castro
Ivo Marçal
João Cabral
Pedro Walter
Tânia Guerreiro
Vicente Wallenstein

PRODUÇÃO

Paulo Mendes

“DEUS ESTÁ CONNOSCO ATÉ AO PESCOÇO”

Se todo o teatro documenta, o teatro que hoje se escreve e encena inevitavelmente reflecte os problemas dos nossos dias. Tudo o que define a nossa acção (ou a sua omissão) sobre a vida colectiva (família, escola, comunidade, país, Mundo), o teatro, sempre espelho, expõe, para que nele nos vejamos na nossa humanidade. Por vezes, tudo isso é arremessado com certa violência contra a nossa consciência das coisas, tantas vezes adormecida, enroscada com certa devassidão no conforto do burguesismo global – hoje dito *classe média* e subdividido em graus de poder de consumo, no que constitui não apenas um indicador oculto de desigualdade (num tempo em que esta é extrema) mas também um mecanismo gerador do vazio existencial do qual emergem os fundamentalismos (religiosos e outros).

Marius von Mayenburg é um desses autores que se atira com ímpeto às suas temáticas dilectas (as verdades inconvenientes, para as retratar numa escrita sem gorduras literárias, de grande virtuosismo dramático), expulsando de dentro de si (e de nós, ao menos parcialmente, temos de estar-lhe gratos por isso) incontáveis monstros que habitam o seu olhar perspicaz sobre os modos de se ser humano presentemente. *Mártir* é sobre a miséria moral de uma sociedade e sobre a demissão dos adultos, pais e professores, que em vez de mostrarem caminhos – à medida da forçosamente pequena cultura e da capacidade de compreensão de conceitos simbólicos complexos para quem é ainda muito jovem – abandonam gerações de adolescentes à sua imaginação especulativa sobre os sentidos e nexos causais das coisas que interpelam o mistério da existência humana. Como sucede com Benjamim, para quem os ditames bíblicos são interpretados com absurda literalidade.

Na escola, uma única alma compassiva, de espírito e intelecto belos (de quem não se esquece um único dia que também nós, os Homens, somos animais), dotada de uma verdadeira vocação pedagógica (ao contrário do director da escola, que surge como uma espécie de paradigma da ascensão dos mediócrs aos lugares de poder) aceita o diálogo que Benjamim, no fundo suplicante, claramente pede, levando-o até às últimas consequências: uma professora de biologia. Alguém que o rapaz, depois de uma oração dolorosa, acabará por levar a expiar as culpas de outros, expondo a deformação precoce do seu carácter, muito estimulada não apenas por acção do crescendo do espectáculo da ira divina que tenta levar a cabo, como também, e talvez sobretudo, pelo mal-estar criado pelo aparente conforto de uma sociedade esmagadoramente atea e antropocêntrica. E no entanto, como cantou Elis Regina, “Deus está connosco até ao pescoço”: os que precisam da Igreja e os que não precisam.

Sarah Adamopoulos